

Trabalho em rede, formação, investigação translacional e avaliação em saúde

Networking, training, translational research and health evaluation

Réseautage, formation, recherche translationnelle et évaluation en santé

Paula Fortunato

Editora Assistente dos ANAIS do IHMT

Filomeno Fortes

Editor-Chefe dos ANAIS do IHMT

Paulo Ferrinho

Editor Principal dos ANAIS do IHMT

Nesta edição dos ANAIS procuramos trazer um número tematicamente abrangente em que o foco passa pela investigação, incluindo alguns vieses detetados, mas também caminhos para o futuro da pesquisa, as vantagens da avaliação, gestão e translação do conhecimento em saúde, importância da formação, exemplos de sucesso do trabalho em rede ou a relevância fulcral da partilha de experiência, entre outros.

Começamos com um exemplo de perseverança no combate à doença: o paludismo é um desafio de saúde global que continua a constituir-se como uma das doenças infecciosas mais prevalentes em cerca de 85 países (OMS). Em janeiro deste ano, Cabo Verde conseguiu o estatuto de “país livre do paludismo”. Os autores refletem sobre o percurso até à erradicação da doença, mas, advertem que “persiste o desafio da vigilância epidemiológica e entomológica, para a prevenção da reintrodução da doença”.

Dedicamos as páginas seguintes à importância do papel dos biobancos e das coleções biológicas na investigação biomédica, na formulação de políticas de saúde identificando fatores de risco, características genéticas e tendências de doenças. na preservação da biodiversidade e na educação e formação de novos cientistas. A construção de uma rede lusófona de biobancos e coleções biológicas ao permitir o acesso a grandes quantidades de amostras biológicas de diferentes populações traduz-se numa excelente oportunidade de contribuição para uma saúde global.

Segue-se uma análise a alguns aspetos da regulação em saúde no Brasil essenciais para garantir a qualidade, segurança e equidade nos serviços prestados, nomeadamente a criação no final da década de 80 do século passado do Sistema Único de Saúde (SUS). O SUS ampliou as responsabilidades do Estado brasileiro como garante do acesso a serviços de saúde, através de um

sistema público, universal e integral. Mas há diversos instrumentos de regulação relacionados com a saúde, que fazem parte desse relato: a criação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, em 1999, a Agência Nacional de Saúde Suplementar, criada em 2000, a abrangência da Política Nacional de Regulação em Saúde de 2008 e, por fim, a criação da Autoridade Reguladora da Qualidade dos Serviços de Saúde, passos de um percurso cujo objetivo sempre será a promoção de resultados mais positivos e sustentáveis no sistema de saúde em análise, garantindo equidade de acesso.

Continuamos com a avaliação da atenção à Saúde no Brasil, num texto em que os autores pretendem apresentar o protocolo da “Pesquisa Efetiva- PAS - Avaliação da Efetividade da Estratégia de Planificação da Atenção à Saúde” e abordam a importância da formação e do planeamento estratégico, por exemplo na área materno-infantil, para a consolidação do sistema de saúde e melhoria de resultados.

Combater a desigualdade de género na ciência e aumentar a visibilidade das mulheres em posições de liderança, impulsionando a inovação e diversidade no campo científico são apenas algumas das vantagens da criação da rede MulheresTrop, lançada em 2015, e que também vos trazemos nesta edição. Como noutras áreas, a participação feminina na ciência, incluindo nas ciências biomédicas, continua a enfrentar desafios. É essa a razão de ser desta rede que tem por objetivo apoiar mulheres cientistas em países africanos de expressão portuguesa, especificamente com atividade ligada à Saúde Tropical. Uma das áreas de atuação da rede tem sido ao proporcionar formação com o objetivo de “impulsionar o avanço científico feminino nos PALOP”. Uma excelente ideia que vai ganhando maturidade e que prova que o trabalho em rede fortalece a troca de conhecimento, promove oportunidades e

amplia resultados.

Também as redes sociotécnicas, numa vertente fundamental na avaliação em saúde, cumprem objetivos idênticos: de troca de conhecimento ao conectar ciência e prática para acelerar a implementação de soluções inovadoras, unindo esforços para superar barreiras e promover avanços científicos com impacto social. O desafio de aplicar o conhecimento teórico à prática científica não irá desaparecer, mas há contributos positivos que podemos ler num artigo que analisa a Teoria do Ator-Rede na avaliação e na translação do conhecimento, para uma implementação mais efetiva do conhecimento científico.

Num artigo que analisa dados de quase três décadas relativos à dupla carga de má nutrição – coexistência de deficiências nutricionais, excesso de peso e obesidade – na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, os autores refletem sobre a carga de doenças e a mortalidade atribuíveis ao Índice de Massa Corporal elevado e às deficiências nutricionais entre 1990 e 2019, e sua associação com o índice sociodemográfico. Trata-se de um tema particularmente importante porque, como frisam os autores, embora haja um declínio nas deficiências nutricionais infantis, o excesso de peso e de obesidade têm aumentado em todo mundo, problema que impacta diretamente nos indicadores de saúde da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, particularmente no que se refere aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 2 (Fome Zero) e 3 (Saúde e Bem-Estar). Só com políticas públicas de redução da desigualdade social e de amplo acesso haverá alimentação saudável para todos.

Esses são precisamente os temas que trazem a reflexão do artigo seguinte, onde os indicadores de saúde da Agenda 2030 são abordados com o objetivo de analisar as suas projeções para os próximos anos nos PALOP, investigando a correlação entre o grau de desenvolvimento dos países e o desempenho desses indicadores. Tendo em conta que alcançar as metas dos

ODS configura um grande desafio global que só se resolve com cooperação entre países, não podemos deixar de reforçar a importância da partilha de conhecimento, da sua aplicação prática e do trabalho em rede. Os fatores mencionados nestes dois artigos não deixam dúvidas: a desnutrição, alta mortalidade infantil e doenças relacionadas com a pobreza dificultam o progresso em saúde. As projeções para 2030 não são animadoras pois, sem intervenções efetivas, como políticas de segurança alimentar e acesso a cuidados de saúde de qualidade, muitos países terão dificuldade em atingir as metas globais de saúde e nutrição, perpetuando ciclos de pobreza e desigualdade.

Numa abordagem a patologias específicas, no artigo “Mapeamento tecnológico de inovações para tratamento, prevenção e diagnóstico de tuberculose e cancro do pulmão”, analisa-se, no contexto dessas duas patologias de relevante impacto em termos de saúde pública, as vantagens da opção por soluções que tenham por base a melhoria de tecnologias protegidas. Esse caminho, defendem os autores, poderá potenciar a descoberta mais rápida e assertiva de novos tratamentos ou medicamentos, reduzindo o desperdício em termos de investimento financeiro.

Num artigo de revisão sobre acesso a cuidados cirúrgicos cardíacos pediátricos para cardiopatias congénitas em países de baixa e média-baixa renda faz-se uma revisão narrativa da literatura que revela as desigualdades a nível global; à semelhança do que já afirmamos quanto aos ODS, há uma relação direta entre o estatuto socioeconómico de um país e a dimensão do acesso a cuidados de saúde. A revisão recorda algumas propostas de solução como a centralização de recursos, o envolvimento dos governos locais na criação de parcerias bilaterais, ou o desenvolvimento de programas de apoio externo sustentáveis.

Não podíamos terminar sem a já habitual partilha cultural. Nestes ANAIS, convidamos à descoberta de uma das múltiplas vertentes culturais de Virgílio do Rosário, fechando com algumas aguarelas de sua autoria.